



# O NÍVEL OPERACIONAL DE GUERRA: AS CONCEPÇÕES ALEMÃ E NORTE-AMERICANA

George A. Higgins

*O nível operacional da guerra, que preenche o espaço existente entre a tática do campo de batalha e a estratégia militar, ganhou renascimento no Exército dos EUA. Como parte integrante da doutrina da Batalha Ar-Terra, a chamada arte operacional vem merecendo ênfase especial no currículo da EsCEME/EUA. Outros países desenvolveram doutrinas a nível operacional com base em sua experiência e tradição. Exemplo disso está no presente artigo, que analisa as diferenças entre as concepções alemã e norte-americana com base nas experiências de ambos os exércitos na 2ª Guerra Mundial.*

O recente reaparecimento de um certo interesse pelo nível operacional de guerra no Exército dos EUA tem gerado comparações históricas e produzido conseqüências de interesse para a atual condução da guerra. Particularmente durante a 2ª Guerra Mundial, os alemães conduziram um estilo de arte operacional que enfatizava a manobra, e não o poder de fogo, e exigia uma liderança bem mais aperfei-

çoada do que a do estilo norte-americano.

A arte operacional pode ser definida como o elo de ligação entre a tática e a estratégia. Ela se refere à manobra de grandes unidades com vistas à vitória em campanhas que contribuam para a estratégia do teatro de operações.<sup>1</sup> Essencial a esta definição é a concepção da manobra e, como conseqüência, da liderança necessária ao seu planejamento e execução. A

manobra é fundamental ao nível operacional, porque o planejamento e a execução de movimentos de grandes unidades criam condições para resultados decisivos em grandes batalhas ou campanhas. O êxito ou o fracasso ao nível operacional da guerra pode produzir efeitos de longo alcance sequer imaginados pelo comandante tático.

A arte tática exige uma liderança que motive os homens e decida quando deslocar pequenos escalões até posições de onde possam concentrar o maior poder de fogo possível sobre o inimigo. A arte operacional, por seu turno, exige um estudo de situação tático e muito mais: uma liderança que consiga ver além do nível tático de guerra, entender a estratégia do teatro de operações e planejar e executar planos de campanha para atingir os objetivos da estratégia do TO.

Um estilo de liderança flexível é necessário tanto para a condução da guerra tática como operacional. Isso se deve ao elevado número de variáveis a serem consideradas e à ainda maior incerteza que se associa a essas variáveis e às suas relações espaço-temporais. Nesse sentido, o tipo de ensino e instrução de liderança para condução da arte operacional é diferente do exigido para o êxito no âmbito tático, aspecto que era de inteiro conhecimento dos alemães já pelo meio da década de vinte.

A arte operacional alemã na 2ª Guerra Mundial enfatizava a manobra enquanto a norte-americana, com algumas exceções importantes, tendia a valorizar a apli-

---

*... o tipo de ensino e instrução de liderança para a condução da arte operacional é diferente do exigido para o êxito tático, aspecto que era do inteiro conhecimento dos alemães já pelo meio da década de 20.*

---

cação do poder de fogo para conseguir desgastar as forças inimigas. Algumas razões de ordem histórica e cultural explicam essa abordagem da guerra feita pelos alemães. Sua posição geográfica central na Europa foi responsável pelo envolvimento em numerosas guerras no continente que remontam à época de Frederico, o Grande. Fosse tais guerras conduzidas para manter o equilíbrio de poder ou para unificar os povos germânicos, a verdade é que a história da Alemanha tem sido construída como resultado de um país rodeado por um mundo hostil.

Em termos culturais, a herança prussiana, com sua concepção de estado-maior, permitiu-lhe criar e manter forças bem treinadas e equipadas, tanto da ativa quanto da reserva, com as quais poderia defender seus interesses. A arrastada derrota na 1ª Guerra Mundial e as cláusulas do Tratado de Versalhes levaram o país a desenvolver uma doutrina que se inclinava pela guerra de manobra na 2ª Guerra Mundial. Este último aspecto não pode ser desprezado.

Em observância às cláusulas do Tratado de Versalhes, o estado-maior alemão foi desestruturado e seu exército ativo reduzido a um

vés de um recuo tático e do desencadeamento de fogos para bloquear o ataque inimigo.

Essa mesma tática caracterizou as operações dos EUA no continente europeu após a invasão da Normandia. A estratégia de largas frentes de Dwight D. Eisenhower reflete, de um modo geral, a preferência operacional norte-americana pelo deslocamento para a frente, à retarguarda de um esmagador poder de fogo. Três exceções a este estilo genérico vêm agora à lembrança: as Operações *Cobra* e *Market-Garden* e a contra-ofensiva das Ardenas, do General George S. Patton. Uma análise mais aprofundada, contudo, revela o caráter de exceção de que se revestiram tais operações.

Em primeiro lugar, a operação *Market-Garden* foi idéia de Bernard L. Montgomery e não uma criação norte-americana. Além disso, a finalidade efetiva foi assegurar portos no canal que apoiassem operações futuras a serem conduzidas até o Rio Ruhr. Segundo, a contra-ofensiva das Ardenas e a Operação *Cobra* — o rompimento do cerco em Saint Lô e as subseqüentes operações móveis de grande velocidade — foram basicamente executadas por Patton, um dos poucos soldados norte-americanos que compreendiam a arte operacional, tal como os alemães a executavam. Patton, quando na Sicília, na Operação *Cobra*, e nas Ardenas, pôe a descoberto a sua invulgar formação e um tipo de treinamento que remontam ao tempo em que serviu com as primeiras unidades blindadas na 1ª

Guerra Mundial. Mas a condução de uma arte operacional com base na manobra não caracteriza a tradição americana.

Na realidade, um estudo mais acurado da Operação *Cobra* e da contra-ofensiva das Ardenas revela que, apesar da parceria britânica, o comando norte-americano não entendia a manobra como parte integrante da arte operacional. De outra maneira, a maioria das forças alemãs em Falaise-Argentan e o grosso do VI Exército Blindado nas Ardenas nunca teriam conseguido escapar. Mais que isso, a confiança de Patton nos fogos maciços de 108 grupos de artilharia de campanha, com 35 deles apoiando o ataque do 3º Corpo de Exército para libertar Bastogne, evidencia a ênfase que até mesmo ele atribuía ao poder de fogo.<sup>4</sup> Esses dois insucessos operacionais dizem muito mais da concepção e do entendimento norte-americanos da manobra como parte integrante da arte operacional do que propriamente da perícia alemã de conseguir fugir a um cerco.

É discutível que, no começo da 2ª Guerra Mundial, os norte-americanos, não executando nem possuindo qualquer doutrina de arte operacional, possuísem uma concepção de estratégia e de tática. Considerando-se a tradição americana, contudo, essa é uma afirmação lógica. O que realmente identificamos nas operações de Patton, Douglas MacArthur e, em menor escala, J. Lawton Collins são as sementes de uma concepção de arte operacional em desenvolvimento que, apenas vagamente, reconhece as relações entre a manobra

e o apoio de fogo como duas faces de uma moeda. E, mesmo assim, essa concepção nascente ainda se prende à abordagem norte-americana tradicional — um poder de fogo esmagador e praticamente a omissão da manobra.

Deve-se observar que até mesmo as brilhantes campanhas de MacArthur no Pacífico foram abreviadas pelos bombardeamentos de Hiroshima e Nagasáqui, no Japão, e estão muito longe do que se poderia chamar de exemplos de guerra de manobra. Ainda aqui, é justo afirmar que, se existiu arte operacional perceptível conduzida pelo Exército dos EUA na 2ª Guerra Mundial, esta deu mais ênfase ao poder de fogo do que à manobra e, dessa maneira, revelou-se absolutamente diferente do estilo alemão.

Duas notáveis características do contraste entre os métodos alemão e norte-americano de condução da arte operacional estão na maturidade das doutrinas operacionais dos dois exércitos e na intensidade com que as suas respectivas oficialidades foram formadas e instruídas nessas doutrinas. Nos anos que mediaram as duas Guerras Mundiais, os alemães conseguiram formar e aperfeiçoar um grupo excelente de oficiais que entendia os níveis tático e operacional de guerra.

Esse grupo dedicado e altamente profissional estudou a história da guerra e as lições dela decorrentes. Desenvolveu e executou uma doutrina de arte operacional que preparou o Exército Alemão para a inevitável guerra seguinte.

Em 1921, o General Hans von Seeckt, Chefe do Estado-Maior (não assim chamado devido ao Tratado de Versalhes), treinou pessoalmente os comandantes dos escalões mais altos na arte da guerra. Os exercícios a que ele deu início em 1921, em Kissingen, Alemanha, concorreram para a elaboração de uma doutrina unificada de emprego dos altos escalões.<sup>5</sup> Desse modo, já existia em 1939 não apenas uma doutrina amadurecida como também uma oficialidade ao nível operacional de comando doutrinariamente bem formada.

O mesmo não aconteceu nos EUA. Não só não havia uma doutrina operacional em vigor como, também, poucos eram os oficiais formados nas teorias de emprego das grandes unidades. Isso aconteceu em razão de a herança cultural, política e geográfica dos EUA não lhes ter exigido uma preparação para combater em guerras de manobra na Europa continental.

Hoje, que os EUA estão engajados na perspectiva de uma guerra convencional na Europa Ocidental, caso surja a necessidade, duas ilações parecem bem nítidas. Em primeiro lugar, o país precisa de uma doutrina de arte operacional coerente e bem desenvolvida que apóie a estratégia do TO, qualquer que seja esta. Os preceitos da Batalha Ar-Terra parecem ser essa doutrina, mas aí está uma questão de difícil configuração, devido à natureza da aliança da OTAN e à necessidade da estratégia do TO de ser montada em bases de coalizão. Doutrinariamente, precisa-

mos nos associar a nossos aliados, primeiro estratégica e, a seguir, operacionalmente, se realmente pretendemos vencer os soviéticos na Europa Ocidental.

Em segundo lugar, possuir uma doutrina apenas no papel não significa tê-la em seus aspectos mais relevantes. Precisamos nos assegurar de que cada um dos níveis de nossa oficialidade compreenda a doutrina e saiba executar a parte, tática ou operacional, por que é responsável. Só para dar um exemplo, quando e onde foi que os Estados Unidos manobram um escalão de valor corpo-de-exército? Inchon, na Coréia do Sul,\* vem-nos à lembrança.

---

\* Inchon: região de desembarque do X Corpo de Exército norte-americano, localizada na costa do Mar Amarelo, que foi pessoalmente selecionada pelo General MacArthur e se constituiu no cenário da operação que mudou o curso da Guerra da Coréia. — Nota da Editora Brasileira.

## REFERÊNCIAS

1. Ver Edward N. Luttwak, "The Operational Level of War", *International Security*, inverno de 1980, para uma análise mais completa do nível operacional de guerra.
2. William S. Lind, "The Case for Maneuver Doctrine", *The Defense Reform Debate*, editado por Asa A. Clark IV, Peter W. Chiarelli, Jeffrey S. McKittrick e James Reed, Imprensa da Universidade John Hopkins, Baltimore, Md., 1984, Capítulo 6, pp. 89-91.
3. Kenneth Macksey, *Guderian: Creator of the Blitzkrieg*, Stein & Day Publishers, Briarcliff Manor, N. Y., 1975, p. 161.
4. Robert S. Allen, *Lucky Forward*, Vanguard Press, N. Y., 1947, p. 238.
5. Robert J. O'Neill, "Doctrine and Training in the German Army, 1919-1939", *The Theory and Practice of War*, editado por Michael Howard, Imprensa da Universidade de Indiana, Bloomington, Ind., 1965, Capítulo 7, pp. 146-47.



O Major George A. Higgins é oficial de Planejamento da 3ª Seção da 5ª Divisão de Infantaria (Mecanizada) em Fort Polk, Luisiana. Formado pela Academia Militar dos Estados Unidos e com um título de mestre da Universidade de Virgínia, é também graduado pelas EsCEME/EUA além de possuir o Curso de Altos Estudos Militares. Serviu na 1ª Divisão de Cavalaria, Fort Hood, Texas, na 24ª Divisão de Infantaria, Fort Stewart, Geórgia, e como instrutor da Academia Militar, em West Point, Nova Iorque.